

EURÍPIDES, MEDÉIA: "FALANDO, ALIVIAREI MEU

CORAÇÃO"

Edvanda Bonavina da Rosa

Tu mesma provocaste esta polêmica (v. 546)

Eurípides é um tragediógrafo grego cuja obra data da segunda metade do século V a.C. Nessa época, em Atenas, desenvolvia-se o movimento sofístico, que surgiu como uma resposta aos anseios dos cidadãos atenienses, devido às necessidades geradas pela vida na pólis. Os direitos políticos assegurados pela hereditariedade deixaram de existir, tornando-se preciso formar o cidadão, para participar do governo democrático. Os sofistas surgem como mestres da virtude política. Praticam a exegese literária, ensinam a música, a gramática, a retórica e a dialética, consideradas as principais forças modeladoras da alma, capacitando o homem para discorrer e pleitear acerca de seus deveres e direitos. Portanto, o ensino da arte política pelos sofistas visava a regras práticas de conduta.

A educação sofística não tinha como alvo

a verdade, mas a capacitação para vencer em qualquer discussão. O alvo era, portanto, alcançar a persuasão. Para os sofistas, a verdade é o que o discurso afirma como verdadeiro. Portanto, a verdade é relativa.

A valorização da palavra como poderoso instrumento de influência social, leva os sofistas a elaborar uma técnica que garanta uma eficácia especial ao dizer, chamada Retórica. No discurso retórico, parte-se de uma questão discutível, colocando-se pontos de vista divergentes, que exigem pelo menos dois discursos em confronto. Esses confrontos dialéticos eram denominados agon, luta, por representarem verdadeiros combates de palavras.

A habilidade retórica produz não a verdade, que é fruto do raciocínio analítico, próprio da ciência, mas produz a aparência de verdade, a ilusão de grandeza e justiça de uma causa. Não é necessário que a causa defendida seja justa, pois para o discurso persuasivo, o importante é convencer de que é justa a causa que o discurso defende.

Os sofistas colocam em pauta discussões sobre a possibilidade da educação, o papel social da mulher, as relações matrimoniais, as relações com os estrangeiros, os regimes políticos,

a existência dos deuses, etc. Ao analisarem a convivência social, deslocam a reflexão, antes centrada no cosmos, para o homem, despertando o interesse por questões relativas à justiça.

Eurípides estava imerso nessa atmosfera suscitada pela sofística, e em suas obras encontramos reflexos dessa nova maneira de enfocar as experiências vividas pelo homem grego de sua época. Na peça MEDEIA, encenada pela primeira vez em 431 a.C., temos presente a questão do relacionamento matrimonial, o problema das relações com estrangeiros, referências à possibilidade da educação, a reflexão acerca do saber verdadeiro, e sobre a eficácia da música para acalmar as paixões, etc.

A peça MEDEIA baseia-se no mito dos Argonautas, cinquenta heróis lendários que partiram de Iolcos, na Grécia, para a região da Cólquida, na Ásia Menor, em busca do velo de um cordeiro de ouro. Este velo, símbolo de poder e fertilidade, era propriedade de Aetes, pai de Medéia. Jasão, chefe da expedição, para obtê-lo, contou com o auxílio de Medéia, que traiu sua pátria, seu pai e matou seu irmão, para possibilitar a fuga de ambos, pois ela deixou a Cólquida em sua companhia. Retornando com o precioso objeto, Jasão não obtém de seu tio Pélias

o trono de Iolcos, prometido como recompensa do sucesso da expedição. Medéia induz as filhas de Pélias a matá-lo, para rejuvenescê-lo por intermédio de um ritual, que ela não realiza. Jasão e Medeia são por isso banidos de Iolcos, e, como exilados, são recebidos em Corinto. Tempos depois, Jasão despreza Medéia, para unir-se à filha de Creonte, rei do país. Revoltada, Medéia trama vingar-se. Ao matar seu irmão e trair sua pátria, Medéia contraíra uma mácula para com o sagrado. Por isso, a ação executada na peça MEDEIA, abrange, no plano humano, uma vingança, e no plano sagrado, uma reconciliação.

No presente trabalho, apresentamos a análise do primeiro confronto entre Jasão e Medéia, que abrange os versos de 446 a 626, em que Medéia procura levar Jasão a conscientizar-se da injustiça que contra ela cometera, ao passo que ele tenta justificar-se, baseado em raciocínios que simulam a verdade.

O verso 546, que empregamos como epígrafe de nosso trabalho, sintetiza esse episódio, em que a linguagem é empregada como instrumento de ação agressiva ou defensiva. Ao traduzir o sintagma "hámillan lógon" por polémica, optamos por um termo que contém a noção de "guerra de palavras", expressa no verso em questão, e que

constitui o cerne desse episódio.

Segundo a técnica sofística então em voga, coloca-se o novo enlace como tema do debate, e desenvolvem-se discursos opostos acerca desse tema, que atuam como discursos de acusação e de defesa.

Esse episódio principia com uma fala de Jasão, que, para eximir-se de culpa pela atual desventura de Medéia, acusa-a de culpada por seus próprios males: ela os provocara, ao expressar-se de modo inoportuno contra os soberanos.

Medéia revida, e, enumerando as ações ousadas que empreendera visando à salvação de Jasão, procura tornar evidente a falta que ele injustamente cometera.

Jasão assume a palavra, procurando diminuir a importância das afirmações de Medéia. Pretende mostrar que ela recebera mais do que oferecera, não havendo, por isso, motivos de queixas. Defende seu novo enlace, atribuindo-lhe o caráter de um ato conveniente, efetuado com prudência. O novo enlace representa para ele um meio de assegurar bem-estar a todos, inclusive à própria Medéia. Ela mesmo entenderia isso, afirma ele, se não a impedisse o ciúme. Insta-a a mudar de opinião, não se limitando a

considerar a situação apenas segundo um ângulo negativo, mas avaliando-a em seu aspecto positivo.

O Coro sanciona as palavras de Jasão, dizendo que seu discurso fora bem elaborado, mas suas ações eram, evidentemente, injustas.

Tanto Medéia, quanto o Coro, estabelecem a oposição ação/discurso, fundamental para a compreensão desse debate entre Medéia e Jasão.

Jasão centra toda sua atenção no aspecto retórico do discurso, preocupado com as consequências das palavras, quando bem ou mal empregadas. Segundo ele, o discurso pode gerar males, quando empregado de modo inoportuno, como afirma ter sucedido a Medéia, que de forma insensata ofendera os poderosos. Mas, para ele, o discurso pode também evitar males, quando bem elaborado. Por isso, para defender-se das acusações de Medéia, manifesta a intenção de ser hábil ao expressar-se. Mas Jasão, no decorrer de toda a peça, é apresentado como o representante de uma ideologia oportunista, encarnando a figura do traidor. O contexto, portanto, desqualifica suas opiniões.

Para Medéia, o aspecto positivo que Jasão atribui ao novo casamento é aparente, pois causara dano e sofrimento a ela e a seus filhos.

Medéia não está preocupada com a conveniência de suas palavras, pois lhe interessa manifestar suas emoções. O discurso de Medéia fundamenta-se, portanto, na função expressiva da linguagem. Ela, que fora agredida por Jasão, encontra no discurso uma forma de retribuir-lhe a injúria, agredindo-o com palavras. Nesse caso, o discurso é um substituto da ação, e, por aliviar uma tensão, exerce uma função catártica.

Medéia defende o emprego do discurso que contemple a justiça, que possibilite o expressar-se com autenticidade, sem cinismo. Para isso, é necessário haver um nexó de coerência entre discurso e referente. No caso em questão, o referente é a ação de Jasão, que ela e o Coro qualificam de má. Segundo o texto, o discurso hábil de Jasão, associado a uma ação má, merece censura, pois o discurso é empregado para ocultar males.

Aplicando-se as categorias veridictórias do ser/parecer, vemos que o discurso é focado nesse episódio sob dois aspectos. Primeiramente, o discurso assume o estatuto de uma construção vazia, que, sob uma estrutura bem ordenada, oculta más ações. Por outro lado, o discurso, mesmo que aparentemente inconveniente, assume o importante papel de desvendar uma ação in-

justa, sendo empregado, portanto para manifestar o que o texto constrói como verdade.

Quando o texto avalia como disfórica a combinação agir mal/expressar-se bem, considerando negativo tal modo de empregar o discurso, torna manifesto que, no universo de sentido criado pelo texto, a linguagem deve exprimir com autenticidade o sentir e o agir humanos, estando, associada à justiça e à verdade, assumindo, pois uma posição diversa do emprego sofístico do discurso.

BIBLIOGRAFIA

- Eurípides. MEDEIA. Texto estabelecido por Louis Méredier, editado pela Societé d'Edition "Les Belles Letres". Paris, 1970.
- Goepfert, S.E.H. LINGUAGEM E PSICANÁLISE. São Paulo, Cultrix, 1980.
- Jaeger, W. PAIDÉIA. São Paulo, martins Fontes, 1986 .
- Moura Neves, M.H. A VERTENTE GREGA DA GRAMÁTICA TRADICIONAL. São Paulo, HUCITEC, 1987.
- Tringali, D. INTRODUÇÃO ÀS RETÓRICAS. Cadernos de Teoria e Crítica Literária, 14. UNESP/Araquara.